



Itinerários da devoção a Santa Rita de Cássia em Santa Cruz (RN)

**Newton Darwin de Andrade Cabral¹
Cícero Williams da Silva²**

Aqueles homens e aquelas mulheres assumiam a romaria não apenas como um meio para o cumprimento de uma promessa ou a busca de uma graça ou milagre, mas como um fim que se realizava na própria peregrinação. Assim, para além das motivações, que eram reais e decisivas para que se colocassem em movimento, a própria peregrinação era vivida como um ato que tinha um propósito em si mesmo. (STEIL, 1996, p. 109)

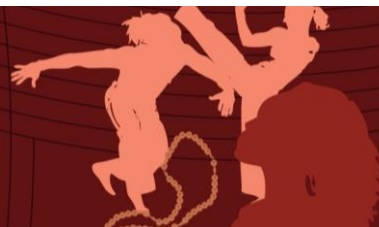
Introdução

Nascida em 1381, na República de Cássia, onde faleceu em 1457, Santa Rita chamava-se Margherita, e teve sua vida pontuada por aspectos bastante improváveis, inclusive a partir das condições de seu nascimento, uma vez que os biógrafos situam em mais ou menos 60 anos a idade da sua mãe que não tivera outros filhos.

Existem divergências, entre os hagiógrafos, acerca de quando despertou a vocação religiosa de Rita. O fato é que ela contraiu matrimônio aos 14 anos de idade e permaneceu casada, por 18 anos, com um moleiro chamado Paulo Mancini, com o qual teve dois filhos. Persistem, na tradição oral, reforçada por registros escritos, narrativas de longa duração que afirmam a infelicidade daquele matrimônio – o que, de certa forma, alimenta uma visão negativa do papel da mulher que se desenvolveria, espiritualmente, ao suportar as agruras “naturais” da convivência com seus esposos. Esta versão – que facilmente encontra ressonância em regiões nas quais impera o machismo – tem sido revista, notadamente por Cuomo (2009), para quem houve intenso amor entre Rita e seu esposo, ainda que ele fosse dotado de gênio irascível.

¹ Doutor em História, pela Universidade Federal de Pernambuco. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e professor do Curso de Licenciatura em História da mesma IES. newtondeandradecabral@gmail.com

² Graduando em História, pela UNICAP. Bolsista PIBIC CNPq. cicerowilliams.brasil@gmail.com



Por questões da política interna cassiana – divergências entre guelfos e gibelinos³ – Paulo foi assassinado. Quando da sua morte, os filhos do casal tinham aproximadamente 14 anos. O ambiente cultural conduzia a que eles optassem pela vingança, uma vez que ela era um hábito arraigado na República de Cássia. Em tal circunstância, a hagiografia traz elementos que, embora díspares, podem ser aproximados em sua significação. Souza (1995) chega a afirmar ter Rita escondido os assassinos de Paulo com o intuito de evitar a perpetuação dos hábitos locais. Outros autores dizem que ela rezou invocando a morte dos filhos para que não se tornassem criminosos. Cuomo (2009) interpreta que ela rogou pela salvação dos filhos, o que teria conseguido com a morte prematura de ambos, vitimados por costumeira epidemia medieval.

Sem marido e sem filhos, tendo-se conservado, segundo a historiografia, muito religiosa, Rita entabulou contatos com o Mosteiro Agostiniano de Cássia, ao qual chegou a fazer doações pecuniárias. Suas pretensões de nele ingressar foram, todavia, rejeitadas por três vezes. Dizem os biógrafos tradicionais que as rejeições ocorreram pelo fato de apenas virgens poderem ali ser admitidas. Cuomo (2009) interpreta como um temor sentido pelas monjas, que não queriam abrigar a viúva de uma vítima de homicídio, cuja família tinha muitos membros. Afirma, então, que, partindo da experiência adquirida com os pais – conhecidos pacificadores (outro hábito daquela República que conferia tal função a determinadas pessoas portadoras de reconhecida imagem pública) – Rita conseguiu, pessoalmente, a pacificação entre os contendores, o que acabou por remover os obstáculos antes apresentados. Permanece, entretanto, uma narrativa ‘prodigiosa’ acerca da chegada de Rita ao mosteiro, que fala da intercessão miraculosa de três santos, dos quais ela era devota, que a teriam

³ Eram conhecidos como guelfos, em algumas cidades-estado italianas, os partidários da supremacia do papa sobre o imperador germânico. Gibelinos eram os contrários a este pensamento.



introduzido no mosteiro, em certa noite, embora todas as suas portas estivessem trancadas.

Outras narrativas remetem a situações inexplicáveis racionalmente. A tradição afirma que Rita sofreu com um estigma na frente. No entanto, para participar de cerimônia religiosa em Roma, diante de negativa da Superiora, rezou para ficar curada apenas durante a viagem, o que teria acontecido. Há relatos acerca de um milagre ocorrido quando ainda era bebê e um homem ferido teria afugentado abelhas que rondavam o pequeno corpo de Rita e entravam-lhe na boca. Aquele homem teria ficado curado imediatamente.

Nessa linha, uma das situações mais conhecidas afirma que, nos dias finais de sua vida, já bastante doente, Rita recebeu a visita de uma parenta habitante da pequena aldeia em que nascera. Aquela lhe teria perguntado se desejava algo de sua antiga residência. À resposta de que desejava lhe trouxesse figos e rosas do jardim de sua casa, a visitante atribuiu a um delírio provocado nela pela febre. Foi, porém, ao local, e surpreendeu-se ao encontrar as flores e os frutos, em situação totalmente improvável: era o auge do inverno europeu. Esse episódio, aliás, tem ligações com um ritual, vivenciado em Santa Cruz, em torno da devoção àquela que, por causa desse conjunto de circunstâncias, é considerada a “santa das causas impossíveis”, e nos remete à afirmação de Cuomo (2009), para quem “nem todos os acontecimentos descritos na vida dos santos são historicamente verificáveis” (p. 7).

À difusão de seu culto, assim se refere cordelista santa-cruzense:

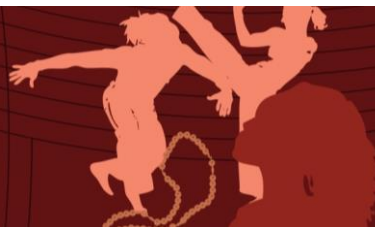
Atribui-se a Santa Rita/ fatos e coisas incríveis/ ela é denominada/ a Santa dos Impossíveis/ e se impõe sobre as mentes/ com milagres imbatíveis.

[...] No século dezessete/ foi beatificada/ e depois por Leão Treze/ ela foi canonizada/ tornando-se pelo povo/ mais e mais admirada.

A fama de Santa Rita/ de modo fenomenal/ se espalhou pela Itália/ Espanha e Portugal/ chegando até o Brasil/ na esquadra de Cabral.

Santa Rita no Brasil/ ganhou popularidade/ se acha devotos dela/ em toda comunidade/ aqui deu nome a escola,/ rua, gente e cidade.

[...] Algo em nada diferente/ também se deu por aqui/ Lourenço João e José/ chegando ao Trairi/ a imagem de Santa Rita/ traziam junto de si.



Era a família Rocha/ que vinha colonizar/ a esse torrão rupestre/
da região potiguar/ que numa bela cidade/ viria a se transformar
(SANTOS, s. d., p. 12-13).

2 Santa Cruz e sua devoção

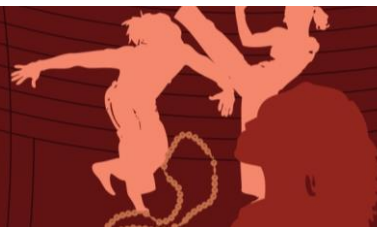
Situada a 115 km da capital do Estado – Natal –, a cidade de Santa Cruz fica na Microrregião da Borborema Potiguar e na Mesorregião do Agreste Potiguar. Segundo dados do IBGE, em 2012, foram estimados 36.477 habitantes. Suas principais atividades econômicas são o funcionalismo público, a agricultura, sobretudo a familiar, e o comércio. A presença do Santuário apresenta sinais de expansão do turismo religioso.

Da evolução do município, sabe-se, entre outros aspectos, que:

Por volta de dois anos antes da Independência do Brasil, no ano de 1820, Santa Cruz era idealizada pelo Sr. José Rodrigues da Silva, cearense proprietário da Fazenda Cachoeira, localizada nas proximidades da cidade de Lajes Pintadas, que se aliou aos irmãos João da Rocha Freire e Lourenço da Rocha Freire, estes últimos, donos de propriedades na localidade Malhada do Trairi, atual Santa Cruz, e juntos propuseram fundar um povoado na localidade Cachoeira com a denominação de Santa Rita da Cachoeira, já que a filha de José Rodrigues da Silva havia adquirido uma imagem de Santa Rita no Estado do Ceará com a finalidade de colocar na futura edificação religiosa do povoado outrora planejado. Contudo, não sendo possível o povoamento daquela localidade devido à escassez de água, uma vez que no lugar havia apenas alguns riachos e muitos deles de água salgada, o que de fato prejudicaria o desenvolvimento e afetaria o crescimento das futuras gerações. Assim, resolveram fundar, nas margens do Rio Trairi, o futuro povoado que teve o seu começo a partir da construção de algumas casas residenciais e da edificação de uma capela dedicada a Santa Rita de Cássia. O local escolhido se deu em razão da boa oferta de água e das boas pastagens existentes para a criação do gado. No que diz respeito à construção da capela, essa se fez pelas doações dos irmãos Rocha Freire e do Sr. José Rodrigues da Silva, este último doou a imagem de Santa Rita adquirida pela sua filha no Ceará; motivo pelo qual o novo local foi batizado pelo nome de “Santa Rita da Cachoeira” (SANTOS, 2010, p. 15-16). Grifo original.

Como se pode perceber, a devoção a Santa Rita de Cássia está presente desde os primórdios da localidade.

Ao lado da cidade, uma considerável elevação do terreno, em propriedade há muito tempo doada à Igreja, é chamada de Monte Carmelo devido ao fato de ter sido alvo de uma peregrinação dedicada a



Nossa Senhora do Carmo. Tal local era percebido, e visitado, desde 1920, como adequado a orações. Na sua subida, foram localizadas marcas das estações da via-sacra. Paulatinamente, o culto ali realizado foi-se voltando para Santa Rita.

A peregrinação a espaços marcados por hierofanias, ou que de alguma forma as recordam, ou, ainda, perpetuam o cultivo de tais memórias, é uma característica do mundo das religiões.

De forma similar à dicotomia levantada por Mircea Eliade (1999), acerca de espaços e tempos significativamente diferenciados – posto que sagrados e profanos –, concordamos com Steil, para quem

no movimento dos corpos que cruzam o sertão em direção ao santuário, os romeiros vão demarcando um espaço sagrado que torna certos lugares e objetos mais próximos de Deus do que outros. A sua consciência está inextricavelmente associada ao território, de forma que o sagrado se apresenta sempre encharcado de concretude, ao alcance da vista e da mão, podendo ser tocado (1996, p. 23).

Há contingentes de devotos peregrinos que participam ativamente desses processos de expansão de fé e devoção e frequentam esses locais que consideram como místicos, pois os identificam como marcos qualitativamente diferenciais de seu dia a dia. Vimos, por exemplo, que os cidadãos santa-cruzenses, em sua grande maioria, orgulham-se de dizer que moram na cidade que possui a maior estátua católica do mundo. E mesmo que o título de “Cidade-santuário” ainda não se tenha fixado, conforme tentado por alguns setores locais, há todo o desenrolar de um processo que caminha, a nosso ver, nesse sentido. O povo se coloca na condição de divulgador dessa realidade, tanto os que residem em Santa Cruz, quanto os que apenas passam por ali, uma vez que a cidade é rota de passagem para toda a região do Seridó (RN).

3 A instalação do Santuário

Antes de ser instalado o santuário, havia o desejo de marcar aquela elevação de terreno supramencionada, com alguma construção que desse visibilidade à cidade. O ex-prefeito, Antonio Lourenço de Farias (Tombo), cogitou a possibilidade de fincar no seu cume, em letras



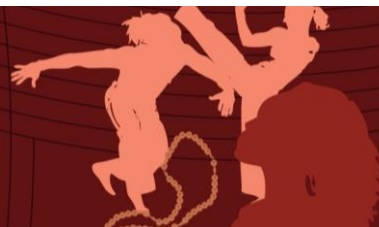
monumentais, construídas em concreto armado, o nome S A N T A C R U Z. Conversas com o então pároco (Pe. Aerton Sales da Cunha) foram conduzindo a um redimensionamento na forma de se ocupar o espaço, optando-se por algo mais voltado à dimensão religiosa, o que culminou com a ideia de um Santuário, embora as dimensões atingidas tenham acabado por extrapolar, em muito, as imaginadas inicialmente.

A questão de dar ao espaço uma utilização religiosa também guardava relação com o fato de aquele terreno pertencer à Igreja Católica. Construções nele edificadas, sobretudo se contassem com verbas públicas, implicariam a doação do terreno, cuja tramitação passou pelos Conselhos Paroquial e Diocesano, visando a atender todas as exigências de Brasília, de onde veio a maior parte do montante financeiro requerido para a construção. Atendidas as demandas burocráticas, a ordem para a construção, efetivamente, foi dada.

O arquiteto que construíra a imagem de Frei Damião, em Guarabira (PB), o professor da UFPB, Alexandre Azedo, assumiu o projeto da imagem, o que deu ímpeto ao rumo da construção de um complexo que inclui praça, auditório, restaurante, lanchonete, igreja e museu (com sala para ex-votos). Destacamos, aliás, que o referido arquiteto pediu licença de suas funções como professor universitário e residiu por vários meses em Santa Cruz, para conduzir *in loco* os trabalhos da estátua de Santa Rita de Cássia que, com 56 metros de altura⁴, encima todo o complexo, e é, até o momento, a maior estátua católica do mundo. A imagem é imponente e sua beleza é ressaltada por uma capa de concreto com oito centímetros de espessura que lhe dá maior leveza, além de apurado senso estético. O conjunto foi inaugurado em junho de 2010 e levou pouco mais de dois anos para ser construído.⁵ Visava-se a, primordialmente, incentivar uma alternativa de renda para o município.

⁴ Para efeitos de comparação e como mera ilustração, a estátua do Cristo Redentor – no Rio de Janeiro – não atinge 40 metros.

⁵ Os investimentos foram da ordem de R\$ 6 milhões, dos quais aproximadamente R\$ 3,5 milhões vieram do Governo Federal, através do Ministério do Turismo, e pelo menos R\$ 1 milhão foram oriundos do governo do estado do Rio Grande do Norte.



A Igreja Católica, após a canonização de Rita (oficializada em 1900), estabeleceu o dia 22 de maio para a sua celebração oficial. Por isso, é nessa data que se realiza a maior entre as quatro romarias de um ciclo anual, inicialmente previsto, que inclui, além da romaria da festa oficial da padroeira, a Eucarística (na segunda quinzena de abril), a Mariana (na segunda quinzena de julho) e a de Gratidão (no dia 12 de outubro). No entanto, atualmente, não são mais realizados os quatro momentos de romarias oficiais; apenas dois deles permanecem: 22 de maio e 12 de outubro.

A extinção dessas datas é justificada pelo fato de, apesar dos planejamento e organização iniciais, não se fazer mais necessário seguir o cronograma original, até porque o objetivo maior era atrair devotos, encontrar formas de levar as pessoas à Santa Cruz, preferencialmente, despertando nelas o desejo de sucessivos retornos. E foi o que aconteceu, pois já se registra um fluxo constante delas, sem que haja a necessidade da permanência de tantos momentos oficiais como os destacados antes, para aglomerá-las em torno do Santuário. Segundo estatísticas da Prefeitura, aos domingos são registrados, em média, entre 35 e 40 ônibus que trazem peregrinos à cidade.

Além disso, um dos agentes do sagrado – o Padre Aerton Sales – introduziu, desde 22 de novembro de 2004⁶ – portanto, antes da construção do Santuário – o hábito de os fiéis completarem um ritual chamado Coroa de Santa Rita, que ocorre com o compromisso assumido pelos devotos de realizarem determinadas orações nas quais invocam Santa Rita, durante 15 meses consecutivos, sempre no dia 22 de cada mês. A Coroa é acompanhada de pedidos de graças, sobretudo espirituais, configurando um rito de trocas simbólicas, cuja repetição contém, em nossa análise, um elemento de fidelização do católico àquela devoção.

⁶ Em pesquisas de campo, nós, autores, tivemos a possibilidade de participar de mais de uma celebração da Coroa, inclusive na realizada aos 22 de novembro de 2014, que, festivamente, comemorava os dez anos daquela prática. Igualmente participamos das romarias da Padroeira e da Gratidão, ambas em 2014.



A solenidade é marcada pelo momento da bênção das flores – e de outros objetos levados pelos devotos peregrinos. As rosas devem ser levadas, preferencialmente, pelas pessoas que estão concluindo o ciclo de quinze coroas. Todavia, há certo contágio nos participantes que frequentemente as adquirem, como forma de participação mais ativa nos vários momentos em que elas são levantadas no interior da Matriz, proporcionando momentos de expressiva emoção estético-religiosa. Tais flores, que são vendidas por ambulantes em frente à Igreja, além de rememorarem um dos últimos episódios da vida de Santa Rita (supramencionado), também revelam instigante ideia dos agentes do sagrado – repetindo expressão usada por Chartier com relação ao clero – uma vez que aqui no Nordeste, rosas são facilmente encontradas em todos os meses do ano.

Todo o ritual tem início ao meio-dia, e representa a culminância emotiva de um cerimonial iniciado por uma procissão e/ou celebração eucarística. Esse horário pode ser pensado como estratégia do clero local para, dessa forma, facilitar a volta dos devotos para seus locais de moradia ainda na mesma jornada diária, pois a cidade não dispunha, quando do início da celebração do ritual da Coroa, de hospedarias suficientes, bem como não havia (e ainda não há) o hábito arraigado de improvisações de locais para pernoites, como as verificadas, por exemplo, em Bom Jesus da Lapa (BA), onde a tradição é mais que secular.

A opção por tal horário também facilita a participação das pessoas do lugar que, naqueles dias, sacrificam parte do tempo destinado ao almoço/intervalo entre os dois turnos diários de trabalho. Além disso, como acrescentou, em entrevista concedida aos autores, o Pe. Aerton Sales, vigário da paróquia quando a Coroa foi criada, a hora escolhida tem relação direta com o resgate de uma prática devocional específica, anteriormente vivenciada pela Igreja local, no período em que o Monsenhor Emerson Deodato Negreiros foi o seu pároco (1952 a 1962) e responsável por erigir a nova Matriz de Santa Rita; ele costumava reunir as pessoas, todas as quintas-feiras, ao meio-dia, para



a chamada “Hora da Graça”, durante toda a fase de construção do novo templo.

Embora inaugurado recentemente – em 2010 – o Santuário, em Santa Cruz, recebe visitantes de regiões mais distantes do que as adstritas ao seu entorno. Já são registrados, segundo informações do clero local, romeiros provenientes, além da região potiguar, de estados circunvizinhos, notadamente da Paraíba e de Pernambuco.

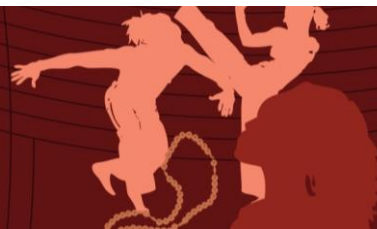
Talvez alheios a toda aquela arquitetura devocional, cujos simbolismos são bem maiores que a circunscrita à infraestrutura física, os romeiros identificam-se com os conteúdos presentes nas narrativas que, verídicas ou não, permeiam o imaginário construído acerca de uma mulher que, nas condições distintas e sequenciais de filha, esposa, mãe, viúva e religiosa teria enfrentado sucessivas barreiras, algumas transpostas em situações consideradas impossíveis aos recursos meramente humanos, conforme expusemos na introdução deste trabalho.

Os devotos, porém, buscam significados entre os quais alguns são, para eles, precisos: trocam orações, sacrifícios, esmolas e participações em rituais por bênçãos, por milagres a serem conseguidos pela intercessão da “advogada das causas impossíveis”.

Para que possamos compreender a alma de um povo através dos significados e significantes de suas expressões religiosas, penso, neste caso, que nos devemos indagar sobre o que para eles representa um milagre. Pensemos também como ferramenta esclarecedora sobre os critérios de alteridade na História. Para nós, milagre só é aceito a partir do espetacular, do não explicável e justificado pela razão, claro está que falo da razão instrumental denunciada por Habermas. [...] Para as gentes humildes e generosas do Brasil [...] milagre pode ser tão somente a solução de um impasse qualquer, seja este afetivo, financeiro, de dor física. O milagre como solução prática, cotidiana. (BRANDÃO, 2004, p. 358). Grifo original.

4 Impactos e mudanças causados pelo Santuário

Os dados encontrados, e analisados até o momento, evidenciam uma coincidência de fatores que são responsáveis por trazer certo revigorecimento econômico para Santa Cruz: a instalação de dois *campi*:



um da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (área de saúde), e outro do Instituto Federal de Educação, além do Santuário, embora muitas pessoas da cidade não façam a ligação entre uma coisa e outras. Esses acontecimentos se deram num período quase que simultâneo, provocando modificações significativas na comunidade local.

Vendo por esse prisma, constatamos crescimento econômico, uma vez que houve uma maior geração de emprego, pelo fato de terem surgido redes hoteleira e gastronômica, por exemplo, entre outras formas multiplicadoras de renda, como é o caso de famílias que construíram primeiros andares em suas residências, para serem alugados, o que é resultado direto do aumento populacional, levando-se em conta tanto a população composta pelos novos residentes, quanto a flutuante que transita pelo município.

Quanto à questão dos sinais de desenvolvimento proporcionados pelo Santuário à cidade, assim se posicionou o atual vigário local, Pe. Vicente Fernandes Neto, em entrevista concedida aos autores:

Nós temos dois posicionamentos: o dos que dizem que, realmente, houve um choque e foi registrado algum progresso, e o dos que dizem que não acrescentou em nada. Eu sou favorável àqueles que afirmam ter havido um crescimento, até porque estes são a maioria. A minoria é formada pelos insatisfeitos por questões políticas ou por questões religiosas mesmo, e aqueles críticos que criticam não para construir, mas com o intuito único de destruir. Eu conheci Santa Cruz antes do Santuário e a conheço depois dele. A Santa Cruz de antes era uma cidade acanhada, que tinha um hotelzinho aqui no centro, mantido por causa dos viajantes, dos passantes... Tinha uma churrascaria isolada, que era a atração de parte da população aos domingos. Esse era o cenário antes do Santuário. Quase não tínhamos movimento aos domingos; ao contrário, a cidade ficava semidesabitada, pois quase todo mundo utilizava o dia para ir a um sítio, a uma fazenda, ou mesmo para a praia, e a cidade lembrava um deserto. Depois do Santuário, temos várias pousadas, vários restaurantes, várias lanchonetes e um final de semana “agitado” em Santa Cruz. Por que agitado? Porque o que não tinha antes, você tem hoje. São, em média, 35 a 40 ônibus circulando na cidade, de pessoas que veem peregrinar, que ocupam uma lanchonete, um restaurante... Nós temos vários carros pequenos, de passeio, centenas deles, nós temos dezenas de vans. Então, tudo isso são movimentos que acontecem depois do Santuário, que está girando e gerando a economia da cidade. Querendo ou não, você presencia a geração do posto de combustível, do sorveteiro, do taxista, dos ambulantes... Antes não tínhamos ambulantes, hoje temos uns oitenta. Ou seja, oitenta famílias, girando em torno do Santuário, fazendo a economia se mover. Então, isso é uma visibilidade



mais que positiva do contexto que passou a existir depois do Santuário.

Ao se referir à questão política, na já aludida entrevista que nos concedeu, o atual vigário fez referências ao fato de a paróquia apenas ter doado o terreno e ter sido a prefeitura quem buscou os recursos. A seu ver, isso gerou uma situação político-partidária favorável aos críticos – adversários na política local – que consideram o santuário um elefante branco, que não atingiu o nível de expressão esperado.

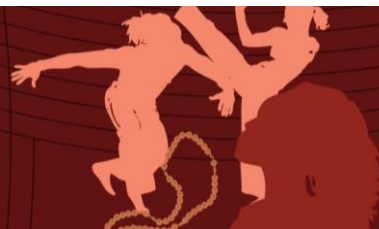
Apesar das divergências de ponto de vista, é no viés do contexto mais favorável que enxergamos o turismo religioso como uma atividade em expansão; aliás, não só na região em foco, como também em diversas outras que possuem características semelhantes do ponto de vista de fé e devoção. Diferente de todos os outros segmentos do ramo do turismo, esse está ligado, de forma profunda, a um calendário de acontecimentos em localidades específicas, onde ocorre um maior fluxo de turistas oriundos de vários outros lugares. Além disso, há um esforço das agências de viagens em organizar “pacotes”, revelando, assim, quão lucrativa e importante tem sido essa nova modalidade de mercado.

5 Considerações finais

De modo geral, como destacamos acima, a cidade, depois do Santuário, tem apresentado visíveis modificações em vários ângulos da sua realidade. Além dos aspectos econômico e político, de acordo com o Pe. Vicente, atual pároco de Santa Cruz, a população do município também tem crescido no que se refere à religiosidade, pois revela-se sedenta e faminta de seu Deus e de sua religião; por isso, busca saciar sua carência espiritual com a participação nas Coroas de Santa Rita e em outras formas de culto existentes, recebendo o auxílio da Igreja que se posiciona com uma ação evangelizadora e catequética, acolhendo a todos os que procuram alívio e leveza para os seus pesados fardos. Através do Santuário, também se tem uma maior visibilidade no que se refere à experiência e à tradição religiosa, fazendo-nos perceber o

2º Simpósio Nordeste da ABHR

Associação Brasileira de História das Religiões



poder que têm as manifestações socioreligiosas para reunir pessoas de várias faixas sociais, ainda que tenhamos constatado uma predominância, nesse tipo de fenômeno, de pessoas oriundas das camadas mais humildes da população.

Em depoimento que concedeu aos autores, o atual arcebispo metropolitano de Natal também fez referências “às características dos romeiros, pessoas nitidamente pobres, talvez, das classes mais baixas, que só têm nas suas vidas o ideal de se prepararem, durante todo o ano, para virem em romaria para aquelas visitas” [a variados locais que, como já destacamos, de alguma forma remetem a hierofanias]. A seu ver, as romarias “são motivo de orgulho para aquelas pessoas e um ideal que alimenta o sentido da existência”.

Existe uma tipologia para os santuários que, geralmente, os cataloga em duas categorias: diocesanos e nacionais, a depender, sobretudo, da dimensão da frequência de romeiros. O de Santa Rita foi decretado santuário diocesano aos 11 de outubro de 2009, portanto, antes da sua inauguração – apenas a imagem já estava completamente construída –, pelo então arcebispo, Dom Matias Patrício de Macedo, por ocasião de visita pastoral que fazia à Paróquia de Santa Cruz, no ano em que a Arquidiocese de Natal completava cem anos.

Na apreciação do seu sucessor, Dom Jaime Vieira Rocha, na já citada entrevista concedida aos autores,

santuário é uma dignidade institucional-religiosa que dá visibilidade maior a uma experiência e uma tradição religiosa, do ponto de vista de devoção. Com isso, e a partir da referência do santuário, se investe muito mais na formação, na evangelização do povo, para que não paremos apenas no ‘devocionismo’, sem uma evangelização e sem um esclarecimento, um aprofundamento da fé para as pessoas que para ali se dirigem.

Assim, pode-se afirmar a existência, em torno daquele santuário, de um movimento constante, que se acentua nos finais de semana, tornando intenso o vaivém de peregrinos vindos de diversificadas partes do Nordeste, que aquecem a economia local e vivenciam a sua fé católica, de alguma forma incidindo em mudanças na qualidade de vida



de grande parte da população local e até mesmo das cidades circunvizinhas.

Referências

BEINERT, Wolfgang (Org.). O culto aos santos hoje. São Paulo: Paulinas, 1982.

BERGADANO, Elena. Rita de Cássia: a santa de todos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BLOCH, Marc. A sociedade feudal. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. O poder simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Sylvana. São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). História das religiões no Brasil, v. 3. Recife, UFPE, 2004. p. 338-370.

BURKE, Peter. A escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Entre falas e silêncios: o trabalho com depoimentos orais em estudos sobre o campo religioso. In: BRANDÃO, Sylvana; MARQUES, Luiz Carlos; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; MORAES, Alfredo (Orgs.). História das religiões no Brasil, v. 5. Recife: Ed. Bagaço; Universitária da UFPE, 2010. p. 267-288.

CHARTIER, Roger. Estudos históricos. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

CUOMO, Franco. Rita de Cássia, a santa dos casos impossíveis: uma história de amor e ódio, de vingança e perdão. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

DOSSE, François. A história em migalhas: dos Annales à Nova História. São Paulo: Ensaio; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1992.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FEBVRE. Lucien. Combates pela história. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989.



GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Lisboa: Edições 70, 2001.

SANTOS, Edgar. Santa Cruz: nossa história, nossa gente. Santa Cruz: Supercopia Gráfica Express, 2010.

SOUZA, Aloísio Teixeira de. Vida de Santa Rita. 20. ed. Aparecida: Santuário, 1995.

STEIL, Carlos Alberto. O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

Literatura de cordel

DUTRA, Hugo Tavares. Santa Cruz de Santa Rita: Santa Cruz do Santuário. Santa Cruz: Supercopia Gráfica Express, 2010.

LIMA, Anderson. Santa Cruz sob o olhar de Santa Rita. S.l.: s.n., s.d..

MEDEIROS, João Maria de. A história de Santa Cruz em cordel. S.l.: s.n., s.d..

SANTOS, Gilberto Cardoso dos. A saga de Santa Rita: da Itália a Santa Cruz. S.l.: s.n., s.d..

Relação dos entrevistados

Aerton Sales da Cunha – Sacerdote católico, ex-pároco da cidade de Santa Cruz, foi um dos idealizadores do Santuário. Concedeu seu depoimento em Arez (RN), aos 25 de julho de 2014.

Jaime Vieira Rocha – Arcebispo metropolitano de Natal. Concedeu seu depoimento em Natal (RN), aos 21 de maio de 2014.

Vicente Fernandes Neto da Silva – Sacerdote católico, atual pároco de Santa Cruz. Concedeu seu depoimento em Santa Cruz (RN), aos 22 de julho de 2014.

**2º Simpósio
Nordeste da ABHR**
Associação Brasileira de História das Religiões

